

## TAMUCANDA: NO QUILOMBO CAFUNDÓ EM SABERES E MEMÓRIAS DE VÓ IFIGÊNIA

*Vanessa Soares dos Santos<sup>1</sup>*

*Viviane Melo de Mendonça<sup>2</sup>*

### RESUMO

Neste artigo, tratamos do território étnico quilombola na região de Sorocaba, interior de São Paulo, no município de Salto de Pirapora, o Quilombo Cafundó. Onde há, em toda a sua constituição a preocupação com a manutenção do seu modo de vida material e simbólico. Pretende-se compreender os modos de constituição da noção de comunidade e território a partir da memória de Vó Ifigênia, figura de grande importância, uma das fundadoras do quilombo junto com sua família, e de como a memória torna-se base educadora de um modo de vida coadunado com valores civilizatórios de matriz africana. Em diálogo com Nêgo Bispo, queremos refletir sobre a necessidade de reconhecermos e firmamos espaços de saberes não hegemônicos e contra-colonial. Reflexões acerca da necessária proteção de saberes ancestrais fora do sistema mercadológico da academia ao mesmo tempo que a presença destes saberes torna-se também necessária para ampliar as perspectivas dentro destes espaços, em um movimento de contra força ao epistemicídio acadêmico.

**Palavras-chave:** Saberes Ancestrais, Quilombo, Memória, Epistemicídio.

---

1 Doutoranda pelo Programa de Educação da Universidade Federal de São Carlos - SP, [soaress.van@gmail.com](mailto:soaress.van@gmail.com).

2 Professora orientadora: Doutora, Faculdade Federal de São Carlos - SP, [viviane@ufscar.br](mailto:viviane@ufscar.br).

*Eu vim da mãe África, eu vim do quilombo  
Já fizeram tanto pra eu tombar, mas eu não tombo.*  
(Jack Severina e Maíra da Rosa)

**E**ste trabalho trata do Quilombo Cafundó, uma comunidade quilombola no interior de São Paulo, na região de Sorocaba, no município de Salto de Pirapora. O quilombo Cafundó teve sua origem por volta de 1876, quando o proprietário de uma fazenda, Joaquim Manoel de Oliveira, libertou cerca de quinze negros escravizados e dividiu as terras entre os alforriados. Um deles era o João do Congo, sua esposa Ricarda e suas filhas, Antônia e Ifigênia. E foi nessas terras, que o Cafundó se inicia.

As duas filhas de Ricarda e Joaquim Congo, Ifigênia e Antônia, que ficaram morando com eles no Cafundó, deram origem às linhagens Almeida Caetano e Pires Pedroso. Antônia casou-se com Joaquim Pires Pedroso, descendente de escravizado e Ifigênia casou-se com Caetano Manoel de Oliveira, originário do Caxambu, localizado do outro lado do rio Sarapuí. Nesse contexto, duas filhas de Ifigênia e Caetano casaram-se com dois irmãos do Caxambu (Silva, 2022, p. 117).

Durante o tempo que se seguiu, surgiam as dificuldades de produzir na grande extensão de terra. Eram necessários muitos trabalhadores, assim, parte delas acabaram sendo arrendadas. Por falta de conhecimento escriturado, muitos documentos foram fraldados e, no decorrer do tempo essa terra foi reduzida, pois de 218 hectares, passou a ser sete alqueires e meio. Instaurada uma disputa continuada e violenta dos fazendeiros e grileiros com a comunidade do Quilombo Cafundó.

Vivem no Quilombo Cafundó cerca de 36 famílias e 104 pessoas. Nos últimos anos, o Quilombo vem vivendo uma boa fase, desde a reintegração de posse. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, decreta oficialmente no dia 20 de novembro de 2009, o reconhecimento da comunidade Quilombo Cafundó como área de interesse social (Silva, 2022). Acreditamos que a reintegração de posse traz um novo sentido para a comunidade. Tornar-se dono do que é seu, reaviva a noção de pertencimento. Não somente na questão territorial geográfica, mas no território simbólico que significa uma comunidade quilombola. É através da memória de Vó Ifigênia que a organicidade da comunidade vai se reconstituindo, trazendo para a prática atual os ensinamentos aprendidos pela matriarca. Tudo o que sabemos de Vó Ifigênia hoje, é decorrente das histórias contadas pelos **griôs**, como são conhecidos os mais velhos na comunidade. Mais velhos que são netos de D. Ifigênia.

**Figura 1:** Sentados, os Griôs do Quilombo Cafundó



**Fonte:** Foto de Rafael Benitez. Acervo pessoal.

Através da memória convocada dos mais velhos, a figura da avó vai sendo firmada na história da comunidade, como um movimento contínuo e constante de não permitir que ela caia no esquecimento, uma vez que a constituição e manutenção do quilombo se deu e se dá às suas forças. A memória de Vó Ifigênia se imbrica à memória do próprio Quilombo.

Quando os pais morrem, Vó Ifigênia se torna organicamente a líder da comunidade. É uma figura de grande importância e relevância para as relações da comunidade, como vimos, ainda nos dias de hoje, com um histórico de muita luta, sabedoria e cuidados. A comunidade revela ser a Vó Ifigênia a base de toda a dinâmica instaurada, construída, e por vezes recuperada que mantém as forças de resistência e re-existência das pessoas na comunidade. O re-existir como um exercício de construir uma nova vida a partir da vida que não deixa de existir. Na relação com o meio natural, buscam elementos em seus saberes ancestrais, firmando a noção de um território existencial a partir da memória de Vó Ifigênia, pois, “existem razões para continuarmos afirmando os nossos modos de ser e sentir, diversas são as existências de pessoas que, mesmo não estando neste plano físico, continuam vivas em nossos Quilombos” (Mumbuca, 2022).

No Quilombo Cafundó, se constituiu um grupo que se perpetuou e construiu uma identidade frente à população regional, identidade étnica baseada em valores e aspectos culturais que trazem junto a ancestralidade africana.

Ancestralidade que não define ou constrói características físicas de uma determinada pessoa, conjunto ou objeto, mas que traduz e revela modos de vida. Vó Ifigênia ensina sobre modos de vida, um modo de vida orgânico (Bispo dos Santos, 2023), coadunado com valores civilizatórios africanos. Valores que não só são diferentes, mas divergentes do que está posto no sistema vigente. Enquanto o capitalismo, o modo de vida sintético (Bispo dos Santos, 2023) produz uma sociedade com falta de pertencimento, competitividade, rivalidade, violências, ganância, adoecimento e preconceitos, o modo de vida orgânico, propõe uma comunidade, com senso de identidade, conexão com a terra, circularidade, ludicidade, espiritualidade, respeito ao outro e ao meio em que se vive.

No Quilombo, a memória de Vó Ifigênia como estrutura educadora, pois constitui, ainda hoje, noção de território e comunidade. É fundante. Hoje, o Quilombo Cafundó é um dos maiores produtores e distribuidores rurais de orgânico na região de Sorocaba. Uma vez que houve a reintegração de posse, na comunidade tornou-se possível vislumbrar futuros melhores. “O viver quilombo persiste nos diversos fatores, ressaltando-se a capacidade de viver o tempo presente recebendo forças da ancestralidade e, assim, vislumbrar o futuro” (Mumbuca, 2022). A agricultura que era localizada e pontual de algumas famílias, desde o surgimento do Quilombo, hoje, é a maior fonte de subsistência, seja da comunidade, pela nutrição através dos alimentos, bem como da moeda que circula a economia do quilombo. A moeda também gira no quilombo, além da agricultura, através da arte, criatividade e feitiçaria.

Os artesanatos feitos pelas mulheres de materiais dispostos na natureza, como a embira da banana, estamparia botânica com as plantas e flores ou a feitura de artefatos que trazem simbologias que contam a história da comunidade. A feitiçaria vem dos saberes das ervas, herança também de Vó Ifigênia, que tinha conhecimento profundo dos remédios naturais através das plantas e ervas. Sempre houve uma produção de remédios para a comunidade, quando necessário curar ou tratar alguma doença, mas também há os remédios que cuidam do corpo, e estes são compartilhados, como chás, incensos e cosméticos naturais. A moeda não é mercantilizada, pois não são produtos vendidos, são compartilhamentos com quem tem interesse em aprender ou aderir na vida determinados saberes. Cada feitura é um ritual, é um intento, é uma lida. A colheita das ervas determina a função e o resultado do remédio. Parece não ser à toa. É necessário conhecimento, do que pode e não pode, o que deve e o que não deve. É necessário tempo, respiro e ciência em preparar um feitiço.

O acordar na madrugada e ir para o campo cuidar da plantação, o planejar, cumprir e respeitar os tempos da terra e do céu. Pois se planta, cuida, espera e

colhe. Essa espera é determinada pelos fatores externos, o quanto essa terra está adubada, o quanto de atenção e cuidado ela recebe, o tanto de sol e chuva recebidos naquele processo até que se chegue o tempo de colher. E então, é alegria! A fartura é trabalhosa, mas não é penosa quando se pode habitar de modo implicado a terra que é sua. Não é produto, é vida orgânica, é vida acontecendo no cotidiano em plenitude. A moeda gira, porque o modo de vida é orgânico, não é acumulativa. Não é venda, é compartilhamento (Bispo dos Santos, 2023).

Junto da conquista territorial e de manutenção da vida física, como a subsistência garantida com a agricultura, por exemplo, vem a nutrição do que é invisível aos olhos, o coração, a espiritualidade, a história. Vem então, o festar e o brincar, que neste modo de vida, concebemos como uma lida sagrada.

A Festa da Santa Cruz, é uma festa tradicional da comunidade, realizada desde os tempos de Vó Ifigênia, e mantida até os dias de hoje em todo mês de maio. Uma procissão que acontece nos arredores, até chegar à capela tradicional do quilombo. É uma festa que sempre tem em seu bojo de feitura a homenagem à Vó Ifigênia e todos os antepassados do Quilombo, mas não só, também aos quilombolas que lutaram e lutam décadas a fio para que suas terras fossem e sejam devolvidas para a sua comunidade. A procissão é dedicada ao São Benedito, considerado o santo dos pretos em solo brasileiro e a Nossa Senhora Aparecida. Logo após, é feita a troca do mastro, símbolo importante dentro do imaginário afro-diaspórico brasileiro, onde são depositados e enterrados, os agradecimentos e pedidos dos fiéis até o próximo ano.

**Figura 2:** Firmamento da Cruz à frente da Capela



**Fonte:** Foto de Rafael Benitez. Acervo pessoal.

**Figura 3:** Capela tradicional do Quilombo Cafundó.



**Fonte:** Foto de Rafael Benitez. Acervo pessoal.

O Jongo, hoje, é a maior brincadeira do Quilombo, já houve capoeira, já houve candomblé e outras práticas musicais e festivas, mas o Jongo que ficou para a atualidade. Chamamos aqui de brincadeira, as manifestações tradicionais afro-brasileiras que envolvem elementos simbólicos, estéticos, culturais e espirituais de matriz africana, que envolvem principalmente a dança e a música como propulsores daquele fazer. O jongo do Cafundó esteve por muitos anos adormecido. Seja pela insuficiência de força para mantê-lo, pois quem vive uma vida muito precarizada no que é substancial, pode não ter força para brincar, ou seja pela segregação geracional vivida por tempos no Quilombo, com os mais novos desencantados com a comunidade e buscando na cidade sustento e nova vida. Uma vez desperto, o Jongo se levantou com força, beleza e intento. Num movimento comunitário, coletivo, tiraram a brincadeira do quartinho escuro do esquecimento, acenderam as fogueiras da esperança, botaram as saias do desejo e a roda foi firmada. Cada ponto cantado, em Cupópia, língua tradicional da comunidade, é o firmamento daquela terra, daquele povo. Jongo **Turi Vimba**, em Cupópia, “terra de negro”. É a exaltação da história através dos saberes mais legítimos e genuínos daquele povo. Saberes que giram, correm, atravessam o atlântico e na força daquela comunidade de re-existir, propõe ocupação. A ocupação da terra e do seu lugar no mundo.

**Figura 4:** Roda de Jongô no dia 20 de novembro de 2022 no Cafundó.



**Fonte:** Foto de Rafael Benitez, acervo pessoal.

O jongo é escola. Torna-se um recorte do funcionamento e dinâmicas da comunidade. E neste contexto específico é o maior compartilhamento dos saberes da língua tradicional da comunidade, a Cupópia. Língua vinda do quimbundo, do tronco linguístico do banto, proveniente de Angola, em confluência com o português, formou-se a Cupópia. Através dos pontos de jongo em Cupópia, vão se compartilhando a língua. Não há processo colonialista de escola escriturada para aprender, como na cidade (Bispo dos Santos, 2023), mas sim, a palavra falada que comanda a toada e ensina sobre a vida. Se aprende ouvindo e compartilhando. De modo orgânico, a comunidade vai aprendendo a língua, num movimento resistente em não permitir que ela seja esquecida e sepultada. Pois, uma vez que os mais velhos vão se encantando para o invisível, se não aproveitarmos seus saberes, como necessários, parte da comunidade vai morrendo junto com eles. Haver uma comunidade quilombola no ano de 2023 que tem sua própria língua, falada e cantada é subversivo, portanto, contracolonial.

No âmbito da discussão em torno da decolonialidade e descolonização, Antônio Bispo dos Santos (2023) faz uma crítica a esses conceitos, e então, semeia a palavra *contracolonial*. O modo de vida orgânico das comunidades quilombolas, é a prática que Bispo dos Santos critica faltar nas discussões acadêmicas. Pois, o modo de vida orgânico das comunidades conflui com o contracolonialismo, pois é vivida, em sua mais íntima concepção a dissociação do colonialismo. Enquanto na

academia, muito tempo é dedicado às discussões e escritas que não estão em prática, confluindo para a efetiva transgressão, a efetiva contracolonialidade. Fora dos territórios quilombolas e indígenas, estamos ainda, constantemente colonizados e colonizando, corpos, subjetividades, territórios e saberes. Dentro destes espaços colonizados, os territórios contracoloniais são constantemente atacados, pois não tem seus direitos garantidos, a exemplo, da ineficiência de políticas públicas ao garantir a posse dessas comunidades, ainda hoje, na sociedade em geral, onde vivemos continuamente os impactos diretos e indiretos do racismo estrutural e nas academias, onde seus saberes não são reconhecidos e seus indivíduos respeitados enquanto sujeitos produtores de conhecimento, de modo legítimo.

O grande debate hoje é o debate decolonial, que só consigo compreender como a depressão do colonialismo, como a sua deterioração. Compreendo o sufixo “de” como isso: depressão, deterioração, decomposição (Bispo dos Santos, 2023).

O *envolvimento* (Bispo dos Santos, 2023) deste trabalho, não tem intenção de aprofundamento sobre o tema, mas nos implica algumas reflexões. Como reconhecer e proteger legitimamente em campo macro esses territórios de produção de conhecimento não hegemônico, portanto contracolonial? Como podemos proteger esses territórios e saberes da mercantilização ao mesmo tempo que ele se torna estratégia de contraforça ao epistemicídio acadêmico? Como nos tornar contracolonialistas, efetivamente, no exercício de produção de conhecimento acerca dos saberes tradicionais afrodiaspóricos?

Antônio Bispo dos Santos (2022) nos dá algumas pistas de como podemos caminhar para confluir, nossos saberes sintéticos da academia, com o modo de vida orgânico destes territórios. Há o movimento de citarmos intelectuais negros para a discussão, pois é necessário que se nomeie nossos pensadores e autores negros dentro destes espaços coloniais. No entanto, Bispo dos Santos, nos traz o ponto de atenção para além da personificação destas referências afrocentradas.

Mas é isso, nesse momento o que eu te diria é que citar Abdias do Nascimento é importante, é bom sempre citar essas pessoas, mas sempre citar relacionando também com as lutas coletivas. Citar Abdias do Nascimento, mas sempre citar os quilombos, citar Palmares, citar Canudos, Caldeirões.

Eu não fico citando Zumbi, eu sempre cito Palmares, eu não cito Zumbi como o mais importante. [...] ...que Palmares existiu antes de Zumbi. Zumbi não inventou Palmares, Zumbi é tão importante quanto os outros quilombolas. Palmares

teria existido sem Zumbi, mas Zumbi não teria existido sem Palmares (Bispo dos Santos, 2022, p. 32).

Temos conhecimento de grandes marcos e nomes de movimentos políticos importantes na história, produzidos e endossados pelo colonialismo. O que Bispo (2022) nos traz, que é importante para essa discussão, é justamente o fato de, inclusive a esquerda ser colonialista no aspecto da produção de saberes, nos perdermos nos referenciais teóricos colonialistas, sem darmos chances de analisar os nossos próprios referenciais históricos com profundidade.

Quando se fala de Comuna de Paris, por exemplo, aqui nós temos Palmares, Canudos, Caldeirão do Deserto, Pau de Colher, Contestado, Balaiada, nós temos muita coisa, mais muita coisa, e a gente acaba não se dando conta. Às vezes a gente faz isso, cita Abdias do Nascimento, que é importante citar. A gente cita Beatriz do Nascimento, Conceição Evaristo, mas a gente não cita as experiências coletivas, a gente cita as pessoas, a gente não cita os quilombos. Mão cita as grandes caminhadas (Bispo dos Santos, 2023, p. 28).

Sem respostas de como fazer, mas com encruzilhadas defronte a esses questionamentos, nos fica a provocação do que fazer. Esta escrita, surge da inspiração do Quilombo Cafundó e Vó Ifigênia, em como o seu modo de vida orgânico, constrói universos, que para nós, aqui da cidade, nos parece utópicos.

E é este modo Quilombo de existir que, indiscutivelmente, nos coloca na condição de ameaça para o mundo colonialista da lógica do capital. Contrariamos a lógica individualista. Nenhuma opressão colonialista ou tentativa de extermínio nos levará ao fim. Prova disso: estamos vivos desde o século XVI em terras estranhas e com diversas opressões, isso prova que já que ganhamos dos colonizadores. Sabemos transformar as vísceras de animais em um saboroso alimento. Somos aqueles que transformamos os rincões em nossas moradas (Mumbuca, 2022, p. 82).

Ainda que, enquanto pessoas negras dentro dos espaços coloniais, como a academia, estamos em constante movimento de luta contra o racismo epistêmico, há que reconhecermos, que nosso corpo e mente colonizados, necessita, urgentemente se amparar, inspirar e aprender com os nossos intelectuais, artistas, cientistas primeiros, os quilombolas.

Embora permanentemente sob ataques colonialistas, a lógica e a cultura dos povos africanos são perceptíveis, desde a lida no território aos modos da lida com a natureza, presentes em como extraímos os elementos, o modo de caça, domínio do fogo, criação de animais

moldes à solta, a prática da agricultura, o fazer artesanal, o brincar, os cantos e as espiritualidades.

Os Quilombos do Brasil afora estão cumprindo a responsabilidade da obtenção e compartilhamento dos legados, ampliando-os, reeditando-os, readaptando-os. E, assim, construindo liberdades (Mumbuca, 2022, p. 84).

Ana Mumbuca (2022), nos convoca para um momento de decisão sobre nossas escolhas. No grande desequilíbrio ambiental em que nos encontramos, destruição produzida pelos humanos coloniais, é necessário que se repense a postura defronte a isso. A natureza é maior que tudo e todos, ao invés de salvá-la, deveríamos não a destruir. E é por isso, que os Quilombos se apresentam como modelos inspiradores a partir de uma perspectiva cosmológica politeísta e compartilhamento ancestral, “a composição de defesas das vidas”. Ana Mumbuca e Antônio Bispo (2022), propõem fortemente um convite para a ação. Dentro da concepção contracolonial, em confluências, é necessária atitude em movimento, prática efetiva, de rompimento e fortalecimento das ancestralidades. “Nos espetáculos das vidas humanas, estamos em nossos redutos observando as cenas de um enredo construído a partir das realidades mortíferas. É o exato momento de tomar para si o comprometimento em tecer um viver no mundo inspirado nos povos das circularidades” (Mumbuca, 2022).

Na potência da oralidade, um dia Vó Ifigênia cantou,

**“Tamucanda ê, Tamucanda.  
Tamucanda ê no injó de jambi, Tamucanda”**

**“Tamucanda”!** Estava escrito! Estava escrito que as terras que o branco roubou, voltariam para o negro trabalhar. E Vovó sabia. Os griôs contam, que ela era sabida das coisas. Aquela sabença que teoria nenhuma dá conta de ensinar, de te fazer ter. Porque não há livro nenhum que dê conta da vida. A gente reconhece que o que Vovó sabia, era a própria vida. Na angústia do viver, era na mata que encontrava refúgio, era na mata que a energia se renovava. Vó Ifigênia ensinou a buscar o sustento na natureza, compartilhando os fundamentos da mata e a relação com os animais.

Vó Ifigênia habita toda a terra do Cafundó. Em cada canto, em cada pedra, em cada planta que vive lá, é também, Vó Ifigênia. Hoje, Vó Ifigênia acompanha o Alex na agricultura, responsável de toda a produção da roça. Na Capela do Quilombo, tem ela. Na lida das ervas com a Cíntia e de D. Regina. Na sabença do seu

Marcos e seu Juvenil. Nas rodas de Jongo em Cupópia. Em cada casa, em cada família, em cada passo, em canto gesto e intento, ela está lá, firmada.

Desta maneira, se tem uma coisa que ela sabia é que estava escrito. **“Tamucanda no injó de jambi”**. Estava escrito nos pés de deus. Que a história não morreria, que as terras seriam recuperadas e que muito o Quilombo resistiria, re-existiria e transformaria. “Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Bispo dos Santos, 2022). Vó Ifigênia sabia que ela não morreria, porque estava escrito que ela seria eterna na luta permanente pela liberdade daquele lugar. Atravessando fronteiras, ocupando imaginários e hoje, como uma mestra, chegando na academia, nos fazendo questionar a colonialidade e contribuindo na luta contra o epistemicídio, nos inspirando na produção de conhecimento e nos convocando à utopias coletivas. Vó Ifigênia vive, porque o Quilombo vive.

Fogo!...Queimaram Palmares,  
Nasceu Canudos.  
Fogo!...Queimaram Canudos,  
Nasceu Caldeirões.  
Fogo!...Queimaram Caldeirões,  
Nasceu Pau de Colher.  
Fogo!...Queimaram Pau de Colher...  
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades  
que os vão cansar se continuarem queimando.  
Porque mesmo que queimem a escrita,  
Não queimarão a oralidade.  
Mesmo que queimem os símbolos,  
Não queimarão os significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
Não queimarão a ancestralidade.  
(Nêgo Bispo)

Durante a tessitura deste trabalho, lidamos todos, com a triste notícia de que Nêgo Bispo se encantou para ancestralidade. Dói, sempre que um mestre se encanta. Triste, pois nós aqui, colonizados, sofremos com a perda e temos dificuldade de compreender a finitude da matéria e a impermanência da vida. Mas o senhor já está germinado na terra, mestre. Em palavras, saberes e agora memória. Nosso ancestral. No rasgo da terra, o desejo de colher frutos transformadores e que um dia consigamos caminhar na circularidade da vida.

O senhor, ainda forte, potente e grande mobilizador de forças para a luta. Para o respiro. Para os inícios depois dos meios vividos. Fica aqui o agradecimento pela vida, mestre! Que o senhor moveu céus e terras para nos ensinar sobre o que vale nessa vida, busca por liberdade. Tão mergulhada estive em tua obra, te ouvindo, te lendo na produção desta reflexão, em teus pensamentos, saberes, ginga e gaiatice. Tentando aprender... que meu peito dói por não ter tido a oportunidade de me chegar e poder te ouvir de perto. De sentir de perto a exuberância da sua existência.

Dançante do pensamento, mandingueiro das palavras, lavrador de ideias, tradutor do pensamento ancestral, filósofo telúrico, vadiante das estratégias, poeta do semiárido, Nêgo Bispo, como era conhecido, mobilizou em torno de si não apenas uma série de ideias, mas também de afetos e vontades de fazer de uma infinidade-revoada de pessoas que tiveram contato com ele (Nascimento, Luiz, 2023, p. 324).

Quem pesquisa, sabe, o quanto nos embrenhamos com nossos autores e mestres, que no nosso imaginário nos tornamos íntimos, amigos, família. Admiração que vira afeto. Parece fora do comum, mas por vezes, esses autores, alguns deles mestres, são as únicas pessoas com quem verdadeiramente conversamos por dias a fio. Diálogo através da leitura, escrita, reflexões e reverberações que ficam nos pairando enquanto a vida acontece no seu cotidiano.

Obrigada por ter sido meu parceirão nesses últimos tempos, me dando a mão para me ajudar a sair do abismo da descrença em mim e no mundo. Me fazendo olhar para trás, para respirar e recuperar fôlego.

Fazer ciência não é fácil, principalmente quando a gente está tão fora da toada. Obrigada por cantar tão bonito, para que eu consiga voltar a dançar, seguindo o som dos nossos. Em luta e poesia. “A poesia, talvez fosse a maneira bonita, furiosa, galante e feiticeira dele se apresentar, sendo fiel as sabenças de sua gente, avivando a máxima entoada por mãe Joana: *a cumbuca de dar é a mesma de receber*” (Nascimento, Luiz, 2023). Em confluência com a própria vida.

lê, viva meu mestre!

lê, viva meu mestre, camará!

## REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora, 2023.

\_\_\_\_\_. Início. Meio. Início. In: BISPO DOS SANTOS, Antônio, *et al.* (org.). **Quatro cantos: Volume 1**. São Paulo: n-1 edições + roça de quilombo, 2022. p. 19-45.

MUMBUCA, Ana. Ser quilombo. *In*: BISPO DOS SANTOS, Antônio, *et al.* (org.). **Quatro cantos: Volume 1**. São Paulo: n-1 edições + roça de quilombo, 2022. p. 81-92.

NASCIMENTO, Wanderson Flor, RUFINO Luiz. **“O fundamento é a roça”** - Antônio Bispo dos Santos (1959-2023). *Anãnsi: Revista de Filosofia*. ANÃNSI: REVISTA DE FILOSOFIA. Expediente (v. 4, n. 2). **Anãnsi: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 323 - 328, 2024. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/19502>>. Acesso em: 06 jan. 2024.

SILVA, Lucas Bento da. **Terra, água, subsolo: os efeitos territoriais da mineração ilegal e do agrohidronegócio no Quilombo Cafundó/Brasil e no Palenque Pílamo/Colômbia**. 2022. 358 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2022.